

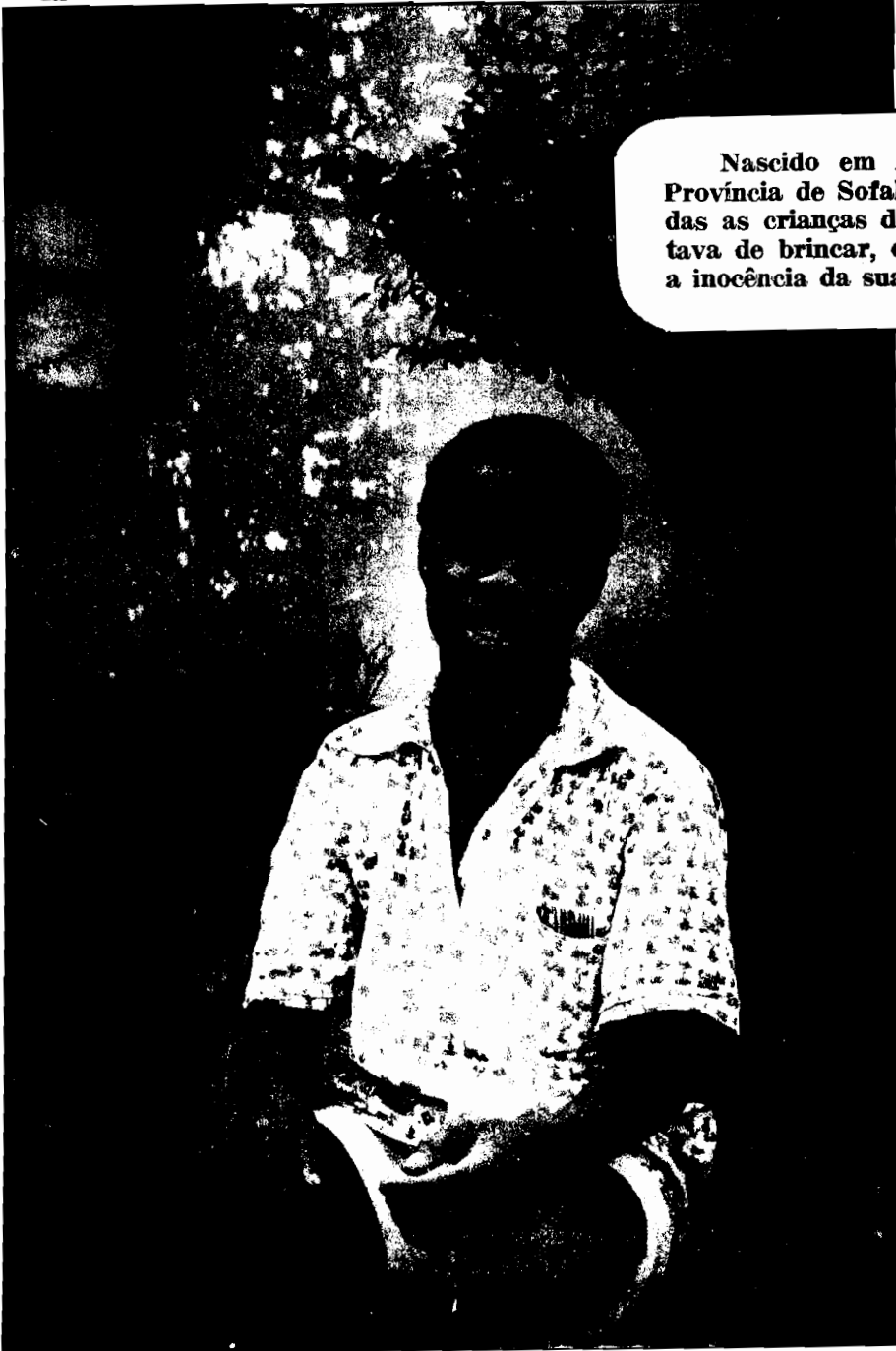
APONTAMENTO
T. 797 19/1/86

DOMINGOS MATCHISSA

O menino que comandou as FAM

Texto e Fotos de
Jacinto Khossa

Nascido em Nhataca, distrito da Gorongosa, Província de Sofala, Domingos Matchissa, como todas as crianças de qualquer ponto do mundo, gostava de brincar, de fazer aquelas brincadeiras que a inocência da sua idade lhe consente.



Na candice da sua consciência em formação acreditava em tudo quanto via. Acreditava que, como ele o fazia, ao anoitecer, o Sol também se ia deitar. Vivia então o mundo imaculado da infância. A independência colheira-o quando tinha só cinco anos de idade e as benesses dela irradiantes lhe permitiram desmistificar o mundo das formigas falantes. Em 1979, aos nove anos, andava na terceira classe. A sua vida era igual à de muitas outras crianças do nosso país.

Mas, como um instante, assim mesmo, o céu azul e límpido cenário dos seus sonhos ficou toldado de nuvens negras. No mesmo, de repente, os homens perderam a sua viçosidade. As mulheres tornaram-se menos faladoras. As meninas já não iam acarretar água, passavam os dias fechadas nas cabanas e de quando em vez apareciam homens armados para levar as mais crescidas que arrastavam consigo, entre choros e gritos desalmados.

Homens que desde a sua vinda ao mundo viviam naquela aldeia e a quem ele julgava idóneos e merecedores do seu respeito, como o despir de uma camisa, também ficaram mo-

dificados. Já davam ordens aos seus conterrâneos. Já colectavam comida junto dos aldeões e viu-os chegarem a sua casa para tirar-lhes o pouco que a família tinha. Viu o seu pai entregar contrafeito uma lata de mapiira moída e outra de milho. Ouviu-o dizer com ódio na língua: «Que o céu vos destrua Madjibas...».

Pela primeira vez em sua vida viu um homem morto. Um homem da idade de seu pai. Fora ceifado porque se recusara a entregar a comida que não tinha aos madjibas, porque os insultara quando lhe propuseram ceder-lhes a filha em troca do que não pôde dar. Os homens armados que outrora apareciam esporadicamente na aldeia passaram praticamente a viver nela e muitos homens, com buracos muito feios no peito começaram a tornar-se frequentes. Começara de facto a noite mais longa do povo de Nhataca.

Já era proibido subir às árvores, já não podia correr atrás das crianças como o fazia, já não podia chorar e para fazer necessidades no mato tinha que esperar até que outras tantas declarassem aflição para serem escoltadas. Já não podia ir visitar a avó em Khandá.

Foi no meio de um cenário de violência, estupro, depravação e iniquidade que Domingos Matchissa cresceu e precocemente se fez homem. Sabia do seu tempo de escola que lá pa-

ra as bandas de oeste ficava a vila de Gorongosa e sabia também que aí a vida era a que antes levava. Se a decisão veio tarde a execução não se fez esperar. *Resolvi fugir porque a vida era muito má. Havia muito sofrimento. A minha mãe e outras faziam machambas e quando chegava a colheita eles tiravam tudo. Passei muita fome».*

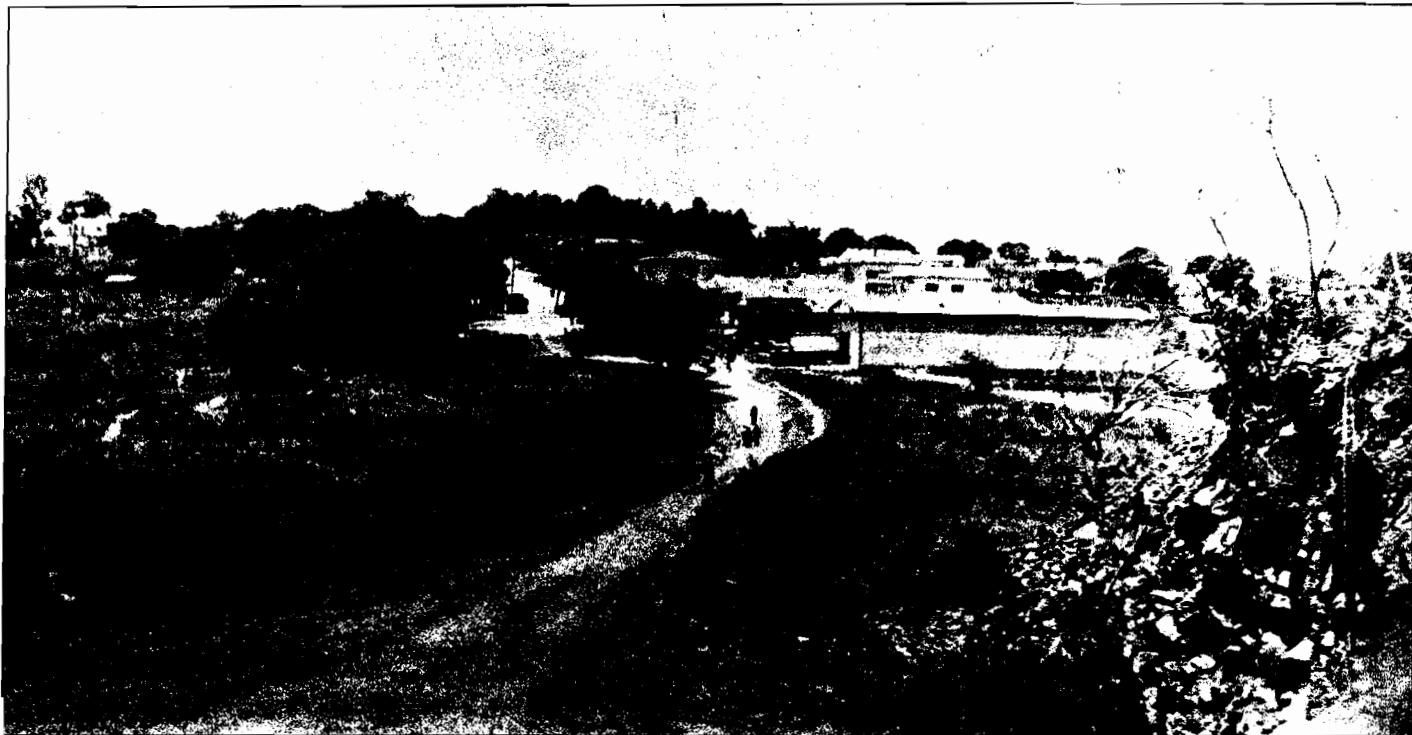
Mas a chispa que ateou fogo na pradaria somática de Domingos Matchissa e desencadeou todos os acontecimentos que se seguiram liga-se fundamentalmente ao inditoso espectáculo a que foi obrigado a assistir. *Um bandido tirou a roupa à minha amiga e entrou com ela à força na cabana. Eu estava ali mesmo quando ele despiu toda a roupa à minha amiga.* Por esta altura, Domingos Matchissa tinha a idade que tem hoje, 15 anos. Jacinta Joaquim, assim me disse se chamar a sua amiga, tem também a sua idade e estes acontecimentos dão-se nos finais de Outubro e princípios de Novembro de 1985.

Sem um adeus à família, Domingos Matchissa desapareceu «misteriosamente» da aldeia. Chegou à vila e apresentou-se e, como ele me disse *fui bem recebido, deram-me roupa e comida.* Mas esta liberdade parcial não o tranquilizava. O sofrimento que sabia ser ainda o quotidiano dos seus não lhe dava sossego. Com efeito, o corpo não pode sentir-se saudá-

A alegria de voltar a ser criança. A imagem foi tirada numa escola primária do Bairro Mapombuê, nos arredores da vila de Gorongosa. O tijolo utilizado localmente, numa das cerâmicas lá existentes



Parte central da vila de Gorongosa





vel enquanto uma parte dos seus membros sofre de endemias.

Saiu da vila como veio e voltou ao covil das feras. *Quando lá cheguei escondi-me no mato até anoitecer. À noite entrei em casa e fui ter com o meu pai a quem convenci a fugirmos naquela noite. O meu pai concordou comigo e chegámos à vila quando já estava a amanhecer. Fui apresentá-lo às estruturas. Deram-lhe roupa, comida e lugar para construir. A nossa casa já está aqui na vila, disse-me com um sorriso triunfante nos lábios.*

Mas esse triunfo recente ainda não era tudo para si. Algo mais forte que a sua capacidade de compreensão impeli-o a avançar. Sentia que algu-

ma coisa tinha que ser feita. Dirigiu-se então ao Comando Militar e, na presença do seu comandante declarou: *Eu sei onde fica a base dos bandidos.* Disse sim a todas as perguntas que lhe foram feitas. Se bem o pensou, melhor o fez. «Comandou» as FAM/FPLM até ao covil dos terroristas. A operação foi um êxito. A base foi assaltada e ocupada.

Quando lhe perguntei se não sentiu medo de, durante a marcha para o local, poder ser ferido ou mesmo morto, Domingos Matchissa olhou para mim e disse *senti, mas eu estava com muito ódio. Muita família ainda estava lá e eu queria que também viessem viver aqui.*

No seu semblante, onde ainda se

notam os traços de criança que é, bailava um sorriso de liberdade, liberdade que o recolocou no lugar reservado a todas as crianças do nosso país. Em Fevereiro, o seu desejo será materializado pois *agora que estou livre o que eu quero é estudar.* Estudará e no futuro compreenderá melhor a origem daqueles que durante anos lhe mantiveram debaixo das mais indescritíveis sevícias. Junto de outras crianças, na futura turma que irá integrar, voltará a ser a criança que não foi durante o tempo de cativeiro e se hoje ainda não dimensiona com exactidão a grandeza do seu gesto o futuro, melhor do que mil esclarecimentos, mostrar-lhe-á o lugar que então ocupou. □